

Os Jornais Paraguaiois na Guerra da Tríplice Aliança

Alberto Martins da Silva*

Resultado da pesquisa histórica, o artigo apresenta aspectos pouco conhecidos ligados à Guerra do Paraguai. (Reprodução de matéria publicada na *Revista do IGHMB*, nº 82/1996)

Durante o período da Guerra da Tríplice Aliança, a imprensa organizada de alguns países, como Argentina, Chile e Uruguai, tomou partido, segundo seus interesses políticos e econômicos imediatos. Assim, em Buenos Aires, as opiniões divergiam pois, enquanto o *The Standard* órgão da coletividade inglesa, apoiava inteiramente o Paraguai, o jornal *El Pueblo* defendia o término da guerra, com a assinatura da paz com o Paraguai, logo que fosse evacuado o território argentino, e tecia críticas à esquadra brasileira; o *El Nacional* era totalmente contrário à guerra, e o *La América*, fora criado para lutar pelo cessar

fogo, e ficou famoso por publicar o Tratado Secreto dos aliados. Também tivemos jornais que defendiam e apoiavam o Brasil, como *La Nacion Argentina*, órgão oficial do Governo argentino, e que era a favor da continuidade do conflito, e o *La Tribuna*.

Enquanto isso, em Corrientes, tivemos dois jornais que lutavam em trincheiras opostas: o jornal *El Independiente*, advogando a causa do Paraguai, e o *La Esperanza*, que criticava o Brasil e o Paraguai. No Uruguai, tanto o *El Correo de Montevideo* como o *El Mercantil del Plata* eram contrários ao Brasil. Por sua vez, no Chile, a imprensa, através dos jornais *La Libertad*, *El Mercurio* e *El Copiapino*, propugnavam em favor de Lopez. Esse era o panorama

geral da imprensa com seus órgãos de divulgação, traçando preferências e tentando angariar opiniões dos leitores. Contudo, havia um outro tipo de periódico, de circulação mais restrita e objetivando um outro público, que circulou no foco da luta, na zona militar propriamente dita, com endereço certo e efeitos imediatos.

Queremos falar dos periódicos paraguaiois, de caráter quase que oficial, porque publicado pela Imprensa Nacional ou pelo próprio Exército paraguaio, e que se diferenciavam do *El Semanario*, órgão oficial do Governo, com suas notícias do conflito e com a publicação dos atos do Governo. Esses periódicos tiveram circulação entre a tropa de Lopez, alcançando também as tropas brasileiras, no afimco de trazer estímulo

* General-de-Divisão Médico. Sócio-efetivo do IGHMB.

aos que lutavam pela causa paraguaia e desmoralizar os combatentes da Tríplice Aliança. Assim, através deles, as derrotas se transformavam em vitórias, os inimigos eram ridicularizados e caricaturados, a mentira engrandecida e as personalidades idolatradas, sem um juízo histórico significativo ou uma notícia mais condizente com a realidade.

Alguns desses jornais tiveram curta duração; entretanto, enquanto foram distribuídos na zona dos acampamentos e nas pequenas vilas e cidades, alcançaram o objetivo desejado junto à grande massa popular e ao combatente. Escrito em linguajar conhecido e de fácil compreensão, e em dois idiomas – espanhol e guarani – transmitiam informes que influenciavam no comportamento militar e na compreensão das razões paraguaias da guerra, principalmente quando eram realçadas as qualidades marciais e políticas do Presidente Lopez, na concepção dos seus redatores, e no confesso ódio ao Brasil, como expõe no primeiro número do *El Centinela*, em seu editorial, o seu redator-chefe e diretor, Dr. Tristan Roca – político e literato boliviano, asilado no Paraguai, desde abril de 1865, perseguido pelo General Melgarejo, e que

havia defendido, na imprensa de seu país, a causa paraguaia. O Dr. Tristan era deputado pelos departamentos de Beni e Santa Cruz, e teve uma atuação destacada no meio cultural do Paraguai, como compositor e escritor. Escreveu as peças *A conferência de Petrópolis*, *O Brasil e a República da Bolívia* e *O Protesto*. Como comerciante, assinou um contrato de seis meses com o Governo paraguaio, para fornecer roupas e medicamentos, trazidos da Bolívia, via Corumbá. Quando da retirada de São Fernando, onde se achavam centenas de presos políticos, que estavam sendo submetidos aos tribunais especiais, e foram acelerados os processos de julgamento, sendo passados pelas armas 85 acusados, nacionais e estrangeiros, o Dr. Tristan recebeu a pena de fuzilamento, acontecida em 22 de agosto de 1868, por ordem expressa do Presidente Lopez.

O primeiro número do *El Centinela*, dedicado ao Presidente Lopez, traz a data de 25 de abril de 1867 e era impresso pela imprensa nacional, em Assunção, em papel fabricado no próprio Paraguai, com quatro páginas e três colunas cada uma; saía às quintas-feiras. Em sua apresentação dizia ser um periódico joco-sério, destina-

do ao Exército e com assuntos que nada tinham de metafísica e nem de filosofia porque, *el lenguaje del soldado es llano y sincero*. Entre os seus principais colaboradores, nesse número, estavam o arquiteto argentino Alejandro Ravizza – arquiteto do Palácio de Lopez – e o americano Cornélio Porter Bliss. Bliss chegou a Assunção em março de 1863, quando então solicitou ao Governo permissão para estudar os índios do Chaco paraguaio. Era um homem de talento, tendo escrito artigos sobre história do Paraguai e peças de teatro e, a pedido do Presidente Lopez, a obra *Fastos do Paraguai*. Porter Bliss foi preso em setembro de 1868, acusado de conspiração.

Esse primeiro número, traz as caricaturas de Mitre, em seu leito de morte, e de Dom Pedro II. As caricaturas representavam o forte do jornal pelo impacto e pela ironia. Quanto ao idioma guarani, assim explica o jornal: *quando o homem fala em seu idioma, sente uma espécie de confiança e familiaridade que chama a atenção depois que se deixa o solo da pátria. Falando o idioma nativo nos parece estar sob o teto de nosso país, recebendo seus primeiros carinhos. Por isso, El Centinela, de*

vez em quando, falará em seu querido guarani; porque assim se expressará com mais gosto em sua própria língua. A esse respeito, chegou-se ao abuso do idioma, com alterações substanciais à sua ortografia, fazendo com que o próprio Presidente Lopez constituísse uma comissão especial para uniformizá-la, tal a confusão reinante entre os escritores.

O segundo número, em início de maio, recorda, efusivamente, em seu título principal, a batalha de 2 de maio. Traz gravuras dos Generais Flores e Mitre e da tropa paraguaia regressando vitoriosa do campo-de-batalha. O terceiro número, saído em Assunção, traz uma elogiosa descrição do Presidente Lopez, evidenciando sua *colossal figura* ressaltando: *tudo gravita sobre sua infatigável constância... Tudo se alenta e anima ao sopro vivificante de sua voz; suas ordens prudentes chegam até a choça dos órfãos, apagam a fome da viúva e cobrem sua nudez... Oh! quanto não deve o Paraguai a seu infatigável e heróico defensor!* Dessa vez as caricaturas são do General Polidoro, Dom Pedro II e Tamandaré.

Em 16 de maio, surgiu o número quatro, comemorando, em sua página principal,

o dia da Independência do país – 14 de maio – em artigo cívico escrito por Tristan Roca. É interessante frisar que nesse mesmo dia apareceu, em Paso Pocu, um outro periódico, chamado de *Cabichuí*, do qual falaremos em seguida. Continuando no mesmo diapasão – crônicas, críticas e caricaturas – sai o número cinco, trazendo, entre outras coisas, informações sobre a esquadra brasileira e um poema de autoria de Natalício Talavera, intitulado *Reflexão de um sentinela às vésperas do combate*. Talavera, diretor do jornal oficial do Governo, *El Semanario*, era poeta e orador fluente e persuassivo. Desde 8 de junho de 1865, acompanhava o Presidente Lopez, tendo publicado na revista *Aurora* – publicação dos alunos de filosofia – ensaios e traduções. Faleceu, de cólera, em 11 de outubro de 1867, com 28 anos de idade. Foi uma grande perda para o periodismo local. Após três números, dois em dezembro de 1867, e um em março do ano seguinte, *El Centinela* encerrou suas atividades. O número de dezembro apresenta uma apreciação sobre o Exército paraguaio, ressaltando seus soldados como *uma juventude louçã, forte, disciplinada, unida, obediente, valente e patri-*

ótica. Comenta suas reservas de suprimento, seus uniformes e munição, lembrando que *as condições físicas e morais em que se achavam assentado nosso exército são incontestavelmente mais vantajosas que os do inimigo*. Ainda em dezembro, o último número do ano, critica as propostas de paz transmitidas pelo secretário inglês M. Gould, dizendo que *pedir que o grande libertador abdique da Presidência da República e se asile na Europa é dizer ao povo que maldiga seus sacrifícios, ao Exército que sepulte seus lauréis e à nação que incline a orgulhosa frente*. O número de março, o último de sua curta existência, foi impresso já em Luque, então, a nova capital do país.

O segundo periódico, o *Cabichuí*, cujo significado é vespa negra, surgiu a 13 de maio de 1867, publicado pela Imprensa do Exército, em Paso Pocu, com quatro páginas. Foi, na verdade, o primeiro impresso na zona de guerra. Era satírico, com caricaturas gravadas em madeira, e escrito, também, em espanhol e guarani. Seu diretor era Juan Crisóstomo Centurion, tendo, como principal colaborador, em língua guarani, o escritor e poeta Natalício Talavera e outros já

conhecidos no meio jornalístico local como o Padre Fidel Maiz, Eugênio Bogado e o Geronimo Becchi – padre italiano que foi diretor de um outro periódico, o *Estrella*, capelão de Encarnacion, em 1869, e o primeiro a ser ouvido pela comissão especial que investigava as atrocidades mandadas praticar por Lopez. O *Cabichuí* estava programado para sair às 2^a e 6^a feiras e, inicialmente, contou apenas com o apoio militar para seu sustento.

O editorial do seu primeiro número, já diz bem da sua missão, como se vê a seguir: *o Cabichuí, ao apresentar-se na arena periódica saúda com ardoroso entusiasmo o primeiro soldado da América Meridional, ao infatigável campeão dos direitos da nação paraguaia, ao defensor esclarecido da autonomia dos povos livres que banha com suas cristalinas águas o magnífico Prata. Sem ser filósofo, pertence à escola de Demócrito. Empregara a hilaridade de seu gênio, acomodando-se aos chistes que com tanta profusão gasta periodicamente os célebres atos da Tríplice Aliança. O Cabichuí é da família dos hemenópteros e dispõe do venenoso ferrão com que defenderá sua colméia dos ambiciosos que querem ex-*

propriar o delicioso fruto de seus esmerados trabalhos. Afora isto, ele é antôfilo: coa as flores da inteligência e a beleza da literatura, que são compatíveis com todos os tons e profissões. É guaraní nato, e por conseguinte poderá abandonar sem mortificar-se muito, o delicioso idioma de seu país. Afeito às idéias silenciosas, porém eloqüentes que atua o lápis sobre o papel, falará mais com as suas gravuras de caricaturas do que com seus maus riscados artigos.

Foram impressos 95 números, sendo o último datado de 20 de agosto de 1868, em São Fernando. Tinha ampla divulgação, chegando até o acampamento brasileiro, apesar das piadas estúpidas e as vezes escandalosas, na avaliação de Thompson. Os colaboradores estavam em todos os acampamentos da vanguarda e retaguarda, e usavam como pseudônimo os nomes das vespas paraguayas como, Cabu, Cabyta, Mamanga e Cabaaguará. Foi um excelente veículo para disseminação das notícias de interesse do Exército paraguaio na conscientização da tropa. Assim diz Centurion: *efetivamente, seu estilo estava planejado para entreter os soldados de um acampamento frente ao ini-*

migo; já se sabe que os gostos dos soldados nunca podem comparar-se com os de uma sociedade culta e privilegiada. Por essa razão, o estilo da redação teve que adaptar-se a essa circunstância especial, a fim de alcançar o objetivo que se tinha em vista, e a certeza a esse respeito, seu triunfo foi completo. Se lia com avidez em todo o país, e sua fama se estendeu até o acampamento inimigo, donde se mandava lançar exemplares de cada número, produzindo lá, como entre nós, o riso e a gargalhada.

Os números de 28 de junho e 11 de julho, trazem notícias sobre a ascensão dos balões no acampamento brasileiro, com caricaturas de baixo nível. As informações transmitidas ao leitor, visavam logicamente a expor opiniões firmes, embora incompletas, dadas como verdadeiras, sobre os mais variados assuntos, especialmente quando passou a informar, após 4 de julho de 1867, sobre a movimentação no front. Assim, a comemoração da Batalha Curupaiti, a vitória paraguaia na segunda Batalha de Tuiuti, a atuação dos aliados em Tuiu-cuê e São Fernando, as condecorações aos heróis paraguayos de Tataíba e Tuiuti, o oferecimento das mulheres para-

guaias para defenderem o país, pegando em armas, e o terceiro aniversário da tomada do Forte de Coimbra (último número de 1867, 30 de dezembro), foram os assuntos mais importantes trazidos à opinião pública. Nessa última notícia, o enfoque é apresentado de maneira parcial, justamente para levar o ódio aos brasileiros. Eis um trecho do citado artigo: *desde há muito tempo o Brasil tem empregado todos os seus esforços com mais escandalosa má fé para cercar pelo norte as possessões territoriais da República. Quando a Metrópole espanhola se achava mergulhada nas guerras intestinas que a impediam de atender a suas colônias, o Brasil se aproveitou da ocasião para usurpar, como o fez, o território pertencente ao Paraguai, desde o Jauru, onde está colocado o marco que assinala o limite dos legítimos direitos de ambos os países para chegar a Coimbra. A inveterada paixão de ambição do Brasil e suas injustas intenções de absorção sobre o Paraguai imediatamente aparecem tanto mais palpáveis quando recordamos o feito de 1850, em que, clandestinamente, veio ocupar o Pão de Açúcar em circunstância em que a independência da República se*

achava ameaçada pelo tirano Rosas, governador de Buenos Aires.

Em novembro, saiu um número especial, com crônicas e desenhos alusivos à batalha de Tuiuti. Diz o artigo: *grande e esplêndido triunfo. Tal é o que no dia 3 de novembro temos infligido aos perversos e vis agressores de nossa parte, se vão desgramando a passo de gigante o choque de nossas invencíveis armas, que guiadas sempre pelo invencível gênio do Marechal Lopez e bendita pela santidade da causa se abre radiante caminho para o olimpo da vitória final... Honra e glória a este Pai da Pátria, seu nome ressoa com admiração e assombro em todos os cantos do universo.*

A partir de outubro de 1867, o jornal passa a ser o único informante da situação da guerra, quando da morte do jornalista e diretor do *El Semanario*, Natalício Talavera. O ano de 1868 traz a morte do Presidente Mitre como noticiário importante do jornal e, em seu número de 3 de fevereiro, um editorial é dedicado ao aniversário de Corrales, onde é pregado a acerbação do patriotismo em seu mais alto grau. Diz, sobre o assunto, o articulista:

Feliz o povo, feliz mil vezes o soldado que luta sob

a bandeira da liberdade e as ordens de um chefe que não somente o faz sempre vitorioso, senão que também o cobre de prêmios e distinções ante o universo inteiro. Camaradas, apreciemos tanta sorte e trabalhemos a felicidade maior que ao homem é dado gozar na terra; a glória de haver destruído aos ímpios inimigos da Pátria! Só o Marechal Lopez pode, em toda a extensão da palavra, dizer como Cícero: juro que salvei a República. É o Cristo de nossa salvação política.

O número 84, de 24 de fevereiro de 1868, do *Cabichuí*, foi o último a ser impresso Paso Pocu. Somente a 13 de maio daquele ano, ao comemorar um ano de existência, surgiu o número 85; desta feita, impresso no acampamento de São Fernando. As outras edições, até o de número 95, continuaram sempre na mesma feição, referenciando os fatos já comentados sobre as vitórias na guerra (Tuiuti, Riachuelo) os feitos de Lopez, a independência do país, é sempre informado sobre as festas ocorridas nas vilas e nos acampamentos militares, dando assim um toque mais alegre entre os pesadelos da campanha bélica.

Um outro *jornal* surgiu em 24 de julho de 1867, editado pela Imprensa Nacional de Assunção, denominado *El Cacique Lambaré* escrito em guaraní e dirigido pelo Padre Francisco Solano Espinoza. Era, de igual modo, agressivo. Na primeira página estampava uma gravura representando o cacique Lambaré atirando flechas contra um dragão de três cabeças – significando a Aliança – tendo em sua cauda o globo terrestre e à sua esquerda o monte Lambaré com um puma encostado a seus pés; ao fundo, se destacava um trem entre palmeiras. Como diz na sua obra *Siete años de aventuras en el Paraguay*, o autor, farmacêutico inglês Dr. George Frederick Masterman, a maior parte dos artigos eram *tan feroces y llenos de porquerías que no puedo entretener à mis lectores con una traducion*. A partir do número 4, passou a ter o título de *Lambaré* e circulou até fins de março de 1868. Com o seu desaparecimento e também do *El Semanario*, apareceu em Peribeubí, em 24 de fevereiro de 1869, o periódico *Estrella*, impresso na Imprensa Nacional, apesar de não ser um órgão do Governo nem porta-voz do Exército; safa às quartas e sábados,

seus colaboradores assinavam seus artigos com pseudônimos – usavam as letras do alfabeto – e, paradoxalmente, pertenciam aos quadros do Governo e do Exército e, talvez, prenunciando alguma mudança na política do país, já não assinavam afoita e abertamente o que pensavam. Era de formato grande e de ótima apresentação. Como chefe da redação, ou seu diretor, estava o Padre Gerônimo Becchi, sacerdote italiano que trabalhava como vigário de Encarnación. Seu principal redator, Manoel Trifon Rojas, contava com excelentes colaboradores como o Padre Fidel Maíz, Juan Crisóstomo Centurión, Silvestre Aveiro e Víctor Silvero. Trifon Rojas caiu no desagrado do Presidente Lopez e foi mandado servir, como soldado, em um batalhão de infantaria, onde enfrentou grandes dificuldades e sofrimentos, vindo a falecer a caminho de Yguatemy. Esse senhor publicara no número 15 do jornal, um artigo intitulado *Egoísmo*, onde pregava a união da Argentina, Uruguai e Paraguai contra o Brasil, baseado na identidade de origem; não foi bem aceito pelos outros componentes da redação que, sofrendo pressões, forçaram a sua demissão. Nos vários números se-

guintes, o assunto foi alvo de críticas mostrando as consequências para as forças patrióticas do país.

De 24 de fevereiro a 14 de julho de 1869, seu derradeiro número publicado, o jornal circulou com ampla liberdade, informando aos leitores tudo sobre o andamento da guerra, comemorações das vitórias do Exército paraguaio e a importância do patriotismo e fidelidade ao Presidente Lopez. O seu número 3, por exemplo, saído em 3 de março, reafirma a *confiança no Proto-Homem cuja existência o Senhor nos preservou milagrosamente das chuvas das balas, que em momentos necessários tem que afrontar com exemplos de valor e resignação, dirigindo ele mesmo os combatentes e a esta confiança unamo-nos esforços com vigor e decisão e ele nos salvará*. A dez de março, em seu quinto número, volta o articulista a enfatizar que o *gênio extraordinário que nos dirige tem além disso a experiência de mais de quatro anos de uma luta constante*.

O *Estrella*, ao longo de sua existência publicou artigos sobre vários assuntos de guerra e ressaltou os fatos mais importantes do governo lopista, quase que uma resenha retrospectiva. As-

sim, comentou o Tratado da Tríplice Aliança, as ações de dezembro de 1868, Itororó, Avaí, Itaibaté e Angustura. Um assunto interessante é o publicado sobre a situação do Exército paraguaio em Azcurra, tendo a frente o Presidente Lopez. O autor assim descreve o quadro:

Passamos a noticiar que S. Ex. o Sr. Marechal, em 31 de dezembro de 1868, passou a estabelecer seu atual acampamento, de onde a estas horas está o Exército nacional, mais forte que nunca. O Leão do Paraguai, recostado na falda da respectiva cordilheira, sacode sua majestosa juba e ruge mais forte e sangrento que nunca, contra o pérfido e cruel inimigo ... A animação que reina é certamente de entusiasmo festivo. Não há uma noite em que não se ouça, em cada Divisão ou Corpo, os mais alegres golpes de música. Os bailes se alternam com as fadigas dos exercícios e cada soldado acha um prazer nos braços de uma patrícia, com quem dança ao som de um violino ou de uma alegre palomita.

O ambiente, entretanto, estava realmente se modificando. O Chefe do Exército paraguaio já abandonara grande parte de seu território e procurava as encostas

das cordilheiras. Em breve tudo mudaria no entendimento do povo e nas atitudes de paraguaios receptivos à grande desgraça que se avizinhava. O tempo já exigia uma composição para um governo de sustentação, convocados por inúmeros patrícios que esperavam, em vão, uma rendição normal de uma guerra que já nada tinha a oferecer para o país a não ser desgraça da pobreza e dizimação de seus filhos. A loucura coletiva dominara o país em nome de um patriotismo desesperador, bem diferente daquele forte e arrogante, típico do povo guarani.

Naqueles momentos surgem as manifestações de paraguaios residentes em Assunção, principalmente aqueles que integravam a famosa Legião Paraguaia, para a constituição de um governo provisório que tomasse a frente das decisões do Governo, já de todo desbaratado e sem chefia. Em 25 de janeiro de 1869, foi iniciado esse movimento com o fim de deliberar sobre os destinos do Paraguai. Várias reuniões se sucederam, até que se chegasse a um consenso entre brasileiros e argentinos. Em 19 de julho, foi convocada uma assembléia para o dia 22, quando o *Clube do Povo* e o *Clube União* apresentaram candidatos. Nes-

se mesmo dia foi formada a mesa eleitoral entre os 21 delegados escolhidos. Em 15 de agosto de 1869, em ato público, tomaram posse os seguintes membros do Governo Provisório: Cirilo Antonio Rivarola, Carlos Loizaga e José Diaz de Bedoya. Era o início de uma mudança que iria mostrar o lado estigmatizador da guerra com a fome, a destruição, a perda dos bens, o quase aniquilamento dos homens; enfim, a falência do Estado. Ainda restavam ódios, mas era necessário o início de uma reconstrução nacional.

Quarenta e cinco dias depois – a 1^o de outubro – surgiu no cenário jornalístico paraguaio o jornal *La Regeneración*, dirigido por Juan José Decoud, influente político no novo panorama do país. Contava com excelentes colaboradores como José Segundo e Adolfo Decoud, Facundo Machaim, Benigno Ferreira, Juan Silvano Godoy e outros. A gráfica era própria e fora adquirida em Buenos Aires. Seu programa principal era o total apoio aos aliados e o combate ao Marechal Lopez. Eis o seu primeiro editorial:

Brilhou a luz para a Pátria! A liberdade oculta tanto tempo para este solo, brilha hoje, de novo, com duplo esplendor no belo horizonte do Paraguai. E a Imprensa como um dos seus

elementos mais puros, como um dos seus órgãos mais diretos, vimos a proclamá-la e sustentá-la com toda aquela fé incontestável que podem inspirar o amor à Pátria e aos bons princípios. Se abre à nossa Pátria, depois de um passado de sangue e horrores, um futuro mais belo a que pode aspirar um povo livre, ocupando novamente seu assento na grande comunhão das nações civilizadas.

E mais adiante:

Combateremos a Francisco Solano Lopez como a encarnação mais monstruosa de todos os despotismos crimes e vícios; o combateremos em todos os terrenos possíveis até que desapareça da face da terra, de cujo seios próprio há de ser lançado ao lado imenso que tem vivido. Combateremos aos defensores de Lopez como a continuação da execrável obra desse tirano, ainda que respeitando as opiniões individuais.

O jornal publica assuntos de vários interesses, como, o no caso do primeiro número, que traz um artigo sobre o *Belo Sexo*, escrito pela professora Assunción Escalada, e um interessante estudo sobre *Jesuitismo e Feudalismo*, de autoria de Adolfo Decoud. O segundo número saiu em 2 de outubro; relata a situação do

Exército paraguaio e faz comentários sobre o Exército aliado. Anuncia para qualquer momento o fim da guerra. Há um curioso aviso sobre o desaparecimento do jovem Domecq, *de dez anos de idade, branco e residente em Buenos Aires, gratifícase bem a quem localizá-lo.* Esse jovem, que foi encontrado dias depois, era argentino e em sua terra natal fez brilhante carreira na Marinha de Guerra da República Argentina, alcançando o alto posto de almirante, e sendo Ministro da Marinha no governo Presidente Alvear, no período de 1922 a 1928.

Em seu terceiro número, ainda de outubro, informa sobre o caminho seguido por Lopez, em sua fuga, e dá notícia sobre a sublevação ocorrida em San Estanislao, quando foram fuzilados quase mil homens, por ordens expressas de Lopez. O seu quarto número, distribuído a 10 de agosto, traz o projeto da Constituição nacional, elaborado por Juan José Decoud, e informa sobre o deslocamento do 1º Corpo de Exército brasileiro em direção ao inimigo, que, no caso, é o Exército de Lopez. O interessante a frisar é a ida do Sr. Cirilo Antonio Rivarola, membro do Governo Provisório, em perseguição a Lopez, acompanhando o

Conde D'Eu e as Forças Paraguaias da Legião.

La Regeneración passou, a partir de 12 de novembro, a ser o jornal oficial do Governo Provisório, publicando todos os atos oficiais. Apesar disso, continuou a publicar notas sobre o estado do Exército paraguaio e a sua perseguição pelas forças aliadas. Um dado interessante vem em um artigo assinado pelo diretor, sobre a necessidade do casamento civil, como meio de evitar o concubinato e a corrupção social, segundo o articulista. Alega que os altos preços cobrados pela Igreja impedem a realização dos casamentos religiosos. Um outro dado esclarecedor é a respeito do número de mulheres. Assim, nesse final de guerra na capital existiam três mulheres para cada homem, e no interior essa proporção atingia a cifra alarmante de cinquenta mulheres para cada homem, quando o normal é de cinco homens para cada três mulheres. Quando oficializado, o casamento civil não encontrou grande aceitação por parte da população, tal o seu sentimento religioso; achavam uma heresia, e no dizer do jornalista, *como sucede em todos os povos ignorantes onde o fanatismo impera.*

O jornal reitera o estado de abandono que as famílias


que voltavam do interior, muitas das quais abandonando as que iam seguindo o derrotado Exército de Lopez, exigindo providências do novo Governo. As notícias sobre a situação de Lopez não eram boas. Com o pouco mais de 3.000 homens, muitos dos quais sem barraca para abrigo, sem cavalos (somente os generais os possuíam), com pouca alimentação – uma rês para cada grupo de 200 homens e laranjas cítricas – e perseguido pelos aliados, Lopez sabia que seu fim estava próximo. Era uma excelente oportunidade para encerrar a luta. Era o momento para freiar seu orgulho e deixar de martirizar seu povo valente e crente em suas palavras. Mas, Assunção já respirava a liberdade, com as novas ordens do novo Governo. Em seu número de 17 de dezembro diz em editorial: *O que vença, derrote, assassine ou termine com Lopez, esse é o nosso amigo, nosso salvador e nosso irmão. O que o defende ou o sustente, esse é um inimigo irreconciliável. Então, a Aliança tem derrotado Lopez. Bendita a Aliança! Receba os bravos que*

hoje voltam cheios de glória a seus lares a gratidão do povo paraguaio por seus sacrifícios e pela queda do despotismo. Aqui todos os paraguaios devemos unirnos hoje para terminar a obra da Aliança, e dando o último golpe ao tirano, começar a nossa regeneração. Grande número de crianças e velhos perambulavam de vila em vila, doentes e famintos, denunciava o jornal. Diante de tanta calamidade, o número 30, de janeiro de 1870, mostra também algumas modificações como a inauguração de uma casa de refeição, com salões espaçosos para festas, melhorias na disciplina pública, a organização de uma entidade política denominada "Associação Constitucional", a autorização do Governo para a instalação de outro jornal no país e a notícia do aumento de alunos matriculados nas escolas municipais. O Paraguai tenta a sua reabilitação.

O número impresso em 11 de fevereiro de 1870, véspera do dia tão esperado por muitos, além das informações da guerra, traz um editorial de muita significação,

que traduz o ambiente criado pelo interesse político no sentido de acelerar o fim de uma guerra que apesar de caminhar para um final desastroso, ainda produz reação das classes dirigentes. Eis o trecho:

As últimas notícias que temos recebido do teatro de operações não carecem de importância. Ei-las. Lopez vai em fuga precipitada em direção à Bolívia. O General Câmara, o Marechal Vitorino e o Coronel Paranhos vão em diversas direções em perseguição ao inimigo, que será alcançado ou obrigado de uma vez a abandonar o território paraguaio. Oxalá o dêem caça a esta besta feroz. Assim teríamos o prazer de vê-lo enjaulado na praça pública. Felicitações a estes valentes vencedores.

Já era o final de tudo. A leitura dos jornais, sejam quais forem, diz muito mais; diz da luta de interesses, da influência inglesa, das causas reais que motivaram o conflito, da mudança de comportamento de Lopez, das injustiças praticadas contra inocentes e das conseqüências desastrosas para o país. 

BIBLIOGRAFIA

- CARDOZO, Efraim. *Hace cien años*. Ediciones EMASA. 13 Vol. Assunção, Paraguay. 1982.
- CAXIAS, Marques de. *Campanha do Paraguai*. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tomo 91. Volume 145. Imprensa Nacional. Rio de Janeiro. 1926.
- MASTEMAN, George Frederick. *Siete años de aventura en el Paraguay*. Imprensa Americana. Buenos Ayres. Argentina. 1870.
- NACIONAL, Biblioteca. Seção de obras raras. Rio de Janeiro. 1988.
- NACIONAL DE ASSUNCIÓN, Archivo. Seção de revistas e jornais. Assunção, Paraguay. 1981.